

Modernidade e urbanidade: uma outra Acádia na escrita de ensaístas canadenses franceses (1872-1924)

Hélène Destrempe

Tradução de Ana Rosa Neves Ramos

Resumo: Este estudo pretende lançar as bases para uma reflexão sobre a cidade de Moncton e a modernização do espaço acadiano através das crônicas e relatos de viagem publicados por alguns ensaístas canadenses franceses que visitaram a Acádia entre 1872 e 1924. Analiso alternadamente as *Chroniques* de Arthur Buies, que relatam sua viagem na região da Baie des Chaleurs, em 1872, *Un pèlerinage au pays d'Évangéline* (1887), do abade Henri-Raymond Casgrain, e um relato de viagem de Narcisse-Henri-Édouard Faucher de Saint-Maurice, intitulado *En route: sept jours dans les provinces maritimes* (1888), assim como os textos que integram o "Carnet d'un Voyageur en Acadie", de Louis Dupire, secretário de redação do jornal *Le Devoir*, que relata a viagem de trem organizada, na Acádia, pelos editores do jornal montrealês, em agosto de 1924, viagem da qual participaram quase trezentos canadenses franceses e acadianos de nascimento. O que se depreende desses textos é uma visão da Acádia que, bem longe do folclórico, enfatiza a sua urbanidade e modernidade.

Palavras-chave: Acádia; modernidade e urbanidade; ensaístas canadenses franceses; Henri-Raymond Casgrain; Arthur Buies; Faucher de Saint-Maurice; *Le Devoir*.

Abstract: This study aims to establish the basis for an analysis of the representation of Moncton and the modernisation of Acadia in the chronicles and travel narratives published by certain French-Canadian essayists who visited Acadia between 1872 and 1924. I will analyze among others the *Chroniques* of Arthur Buies, wherein he describes his voyage in the Chaleur Bay region in 1872, *Un pèlerinage au pays d'Évangéline* (1877) by Father Henri-Raymond Casgrain, a travel narrative by Narcisse-Henri-Édouard Faucher de Saint-Maurice entitled *En route. Sept jours dans les provinces maritimes* (1888), as well as texts included in the "Carnet d'un Voyageur en Acadie" by Louis Dupire, assistant editor of the Montreal daily newspaper *Le Devoir*. This journal recounts the train excursion in Acadia organized by the editors of the paper in August, 1924. The trip brought together close to three hundred French-Canadians and Acadians. The image of Acadia which emerges from these texts is one that, far from being of a folkloric nature, highlights instead its modern and urban characteristics.

Key words: Acadia; modernity and urbanity; French-Canadian essayists; Henri-Raymond Casgrain; Arthur Buies; Faucher de Saint-Maurice; *Le Devoir*.

Résumé: Cette étude vise à jeter les bases d'une réflexion sur la représentation de la ville de Moncton et de la modernisation de l'espace acadien dans les chroniques et les récits de voyage publiés par quelques essayistes canadiens-français qui ont visité l'Acadie entre 1872 et 1924. J'y analyse entre autres les *Chroniques* d'Arthur Buies qui relatent son voyage dans la région de la Baie des Chaleurs en 1872, *Un pèlerinage au pays d'Évangéline* (1887) de l'abbé Henri-Raymond Casgrain, un récit de voyage de Narcisse-Henri-Édouard Faucher de Saint-Maurice, intitulé *En route. Sept jours dans les provinces maritimes* (1888), ainsi que les textes composant le « Carnet d'un Voyageur en Acadie », de Louis Dupire, secrétaire de rédaction du quotidien *Le Devoir*. Ce carnet relate le voyage en train organisé en Acadie par la rédaction du quotidien montréalais en août 1924, auquel ont participé près de trois cents Canadiens français et Acadiens d'origine. Il se dégage de ces textes une vision de l'Acadie qui, bien loin d'être folklorique, met l'accent sur sa modernité et son urbanité.

Mots-clés: Acadie; modernité et urbanité; essayistes canadiens-français; Henri-Raymond Casgrain; Arthur Buies; Faucher de Saint-Maurice; *Le Devoir*.

O desenvolvimento atual da cidade de Moncton é consequência da evolução social, econômica, política e cultural, cuja progressão e sucesso perduram, apesar de todos os obstáculos e das decisões algumas vezes contestáveis do seu conselho municipal. A emergência deste tecido urbano que – pode-se ler nos jornais – faz inveja a várias outras municipalidades data, de fato, de mais de cem anos. Na sua introdução à obra coletiva intitulada *Moncton 1871-1929. Changements socio-économiques dans une ville ferroviaire*, o historiador Daniel Hickey nos lembra, através de números e de estatísticas, que a atribuição do estatuto legal de cidade, em 23 de abril de 1980, apenas confirmava o crescimento da cidade de Moncton:

Entre 1881 e 1891, a população da cidade passa (...) de 5.032 a 8.762 habitantes, ou seja, um acréscimo de 74%. Habitantes dos municípios longínquos e pessoas do campo, nos arredores de Moncton, vieram se estabelecer na cidade em busca de emprego nas indústrias e no comércio então em expansão. Acadianos, escoceses, irlandeses unem-se aos descendentes de ingleses, aos partidários da coroa e aos alemães, chegados na região após a deportação dos acadianos, o que confere à cidade um novo aspecto linguístico e cultural (Hickey, 1990: 7)¹.

¹ Todas as citações neste artigo são traduzidas por Ana Rosa Neves Ramos, eis que não há publicação em português desses textos.

Durante o mesmo período, a cidade torna-se o novo centro econômico do município (Hickley, 1990: 20), mais particularmente após 1872, quando as atividades ferroviárias importantes do terminal de Shédiac foram transferidas para Moncton. Não há dúvida de que o novo crescimento econômico, criado pela Intercolonial, favorece e confirma a realização dos processos de urbanização e de modernização.

Há mais de um século, Moncton entrou definitivamente nesse processo modernizador. Todavia, na minha busca desta emergência no discurso intelectual e literário canadense-francês, anterior à Segunda Guerra Mundial, eu me confrontei com uma retração da cidade, com representações anêmicas, para não dizer evanescentes, em proveito de outros lugares, de outras cidades ligadas à configuração de um espaço geográfico, histórico e cultural acadiano. Todos os textos consultados parecem, de fato, caracterizados por uma singular distorção entre os lugares de memória e os espaços de modernidade. O objetivo deste estudo é, justamente, lançar as bases para uma reflexão sobre a representação da cidade de Moncton e da modernização do espaço acadiano nos escritos dos ensaístas e escritores canadenses franceses, no século XIX, assim como da primeira metade do século XX. No âmbito desta análise, me debruçarei sobre os relatos de viagens e as crônicas de alguns autores bem conhecidos no seu tempo, que visitaram a Acádia no auge do rápido desenvolvimento vivido por Moncton. Percorri, assim, as *Crônicas* de Arthur Buies, publicadas em volume entre 1873 e 1884 e, particularmente, aquelas que relatam a sua viagem na região da Baie des Chaleurs, em 1872. Foram também consultados *Un pèlerinage au pays d'Évangéline* (1887), do abade Henri-Raymond Casgrain, assim como um relato de viagem de Narcisse-Henri-Édouard Faucher de Saint-Maurice, intitulado *En route. Sept jours dans les provinces maritimes* (1888). Escolhi, ainda, acrescentar a este *corpus* do século XIX os textos que compõem o *Carnet d'un Voyageur en Acadie*, de Louis Dupire, secretário de redação do jornal *Le Devoir*. Esse diário relata a viagem de trem organizada na Acádia pelos editores do jornal montrealês, em agosto de 1924, viagem que reuniu quase trezentos canadenses

franceses e acadianos de nascimento. Vou me ater, particularmente, a dois aspectos conexos desses diferentes textos, que chamei de espaços de contorno e o percurso dos peregrinos, antes de concluir sobre o que designei como o paradoxo de Orfeu.

Os espaços de contorno e o percurso dos peregrinos

Em um artigo sobre os usos e as funções do passado na literatura quebequense, Joseph Melançon observa que “o uso do passado, em literatura, parece muito com um desvio dos fatos, seja ele perverso ou complacente, mas sempre, interessado. O escritor é um mau banqueiro da memória; ele nunca deixa de tirar proveito das coisas” (Melançon, 1995: 79). Ora, esses desvios se operam de várias maneiras: se o autor pode desviar o caráter referencial de um objeto para transformá-lo em lugar de memória², ou seja, em uma entidade simbólica sobre a qual se sustenta o reconhecimento de uma identidade individual ou coletiva, ele pode também desviar ou modificar os espaços dos discursos de forma que eles adquiram forma no desejo literário ou intelectual, em vez da realidade geográfica e histórica dos lugares. Para parafrasear uma expressão conhecida, podemos falar aqui de “desvios virtuais ou discursivos de fundos públicos” em proveito de interesses pessoais e estéticos, tão variados quantos são os autores. De um ponto de vista pragmático, o conceito de desvio referencial me levou a examinar os diferentes percursos ou itinerários seguidos pelos narradores dos relatos de viagem estudados.

De maneira geral, há de se convir que a descoberta de Moncton não justifica – longe disso – o deslocamento em direção às províncias marítimas. Com efeito, desses quatro itinerários, apenas um, aquele presente nas páginas do *Devoir*, assinala duas paradas verdadeiramente significativas na cidade, uma na ida e a outra no retorno, que figuram entre os pontos de destaque da viagem efetuada na Acádia pelos peregrinos do *Devoir*. Pelo

² A memória, diz Pierre Nora, “é um estar-aqui que vale menos pelo que é do que pelo que dela fazemos”. Cf. “Lugares de memória”.

contrário, quando do seu périplo no outono de 1882, Arthur Buies margeia a costa da Baie des Chaleurs a partir da cidade de Dalhousie sem ir além de Bathurst, situada a mais de duzentos quilômetros ao norte de Moncton. A sua visão da Acádia se restringe, portanto, a uma porção limitada do seu território. Por sua vez, Faucher de Saint Maurice, que viaja por conta do sindicato canadense da Imprensa, pára apesar de tudo uma tarde em Moncton, onde observa o *maskaret* (uma onda de quatro a seis metros de altura, explica ele) e aproveita também para se impregnar do aspecto industrial da cidade (com a estrada de ferro, a usina de algodão e o canteiro de obras da refinaria) e para conversar com um acadiano da cidade. Quanto ao abade Henri-Raymond Casgrain, ele é provavelmente o autor que menos se interessou por Moncton; na sua peregrinação não faz a menor menção a ela, como se esta cidade em vias de modernização não se enquadrasse ao seu modo de representação da Acádia. De fato, o abade Casgrain prefere ir diretamente à vila de Memramcook, a vinte quilômetros ao sul de Moncton, como atesta esta lacônica nota inserida em seu relato de viagem: “De Campbellton a Memramcook, duzentas e cinco milhas. Uma noite em vagão-leito” (Casgrain, 1887: 20). A cidade de Moncton encontra-se, assim, ofuscada, em proveito de Memramcook, que simboliza ao mesmo tempo o renascimento da Acádia e a sua reconquista. À época da visita do abade Casgrain, Memramcook constitui uma paróquia próspera, conta quase seis mil habitantes e é dotada de instituições importantes, como o colégio Saint-Joseph, fundado vinte anos antes pelo padre Lefevbre. Vejamos como o abade Casgrain descreve a paisagem que ele vislumbra ao descer do trem:

Da estação de Memramcook, avista-se à direita, ao alto, a duas milhas de distância, a bela porta gótica da igreja paroquial, o colégio São José e o bonito convento das religiosas da Caridade. Deixamos para trás o país das montanhas. Um solo ondulado e fértil, que me faz lembrar as planícies da Vendée e da Touraine, se estende a perder de vista, por todos os lados. Sinto meu coração em júbilo ao me dar conta de que essa bela localidade banhada pelos rios Memramcook e Peticoudiac permanece completamente francesa (Casgrain, 1887: 21).

O relato do percurso do abade Casgrain nas províncias marítimas canadenses passa diretamente dessa municipalidade e dos seus arredores, que ele descreve sob uma luz bastante favorável, à aldeia de Amherst, na Nova Escócia, de onde ele parte para visitar os vestígios do forte Beauséjour, e, em seguida, à pequena cidade de Truro, que lhe serve de pretexto para esboçar a sua descrição da antiga Acádia:

De Amherst até Truro, no fundo da baía de Cobequid, há setenta e três milhas. Esta pequena cidade inglesa ocupou o lugar da paróquia acadiana de Cobequid, aniquilada ao mesmo tempo que as Minas. O mesmo acontece com Pisiquid, hoje Windsor, que rivalizava em prosperidade com Cobequid (Casgrain, 1887: 53).

Assim, a trama urbana não tem outra função que a de remeter ao passado e, nessa perspectiva, constatar o esvaecimento de uma cidade como Moncton, espécie de ponto cego da Acádia, tal como recriada na peregrinação do abade Casgrain. Vale salientar que, ao seu retorno, o peregrino não se dá o trabalho de parar em Moncton: “19 de julho – Retorno por Mulgrave e Truro até o entroncamento de Monckton em Shédiac, a antiga *Gédaïque* dos franceses; vinte e duas horas de viagem” (Casgrain, 1887: 444).

Embora o trem fosse o meio de transporte privilegiado à época e todas as viagens descritas no *corpus* tenham sido efetuadas após o deslocamento do centro ferroviário de Shédiac para Moncton, é interessante assinalar que a maioria dos textos da época, a exemplo deste de Casgrain, faz pouca ou nenhuma menção à cidade. De fato, essa constatação nos remete à nossa questão principal, qual seja, quais são os lugares privilegiados pelos diferentes autores e por quê. Analisando os textos e os percursos, percebem-se duas estratégias de representação e percepção dos lugares. A primeira nos remete à questão da industrialização, da urbanização dela decorrente e ao conceito de progresso. No caso do documento de viagem publicado pelo jornal *Le Devoir* dedicado aos viajantes na Acádia, percebe-se, é óbvio, de forma explícita, a marca do seu diretor, Henri Bourassa, bem conhecido por suas ideias liberais e por seu

nacionalismo canadense. A missão do jornal destaca, entre outros aspectos, que:

Le Devoir é o elo indispensável entre os diversos grupos franceses da América. Contribuir para o seu desenvolvimento é ajudar para o bom entendimento entre americanos, canadenses e acadianos de língua francesa.(...) Difundir o *Devoir* é ajudar no desenvolvimento de todas as nossas riquezas nacionais. Ele se fez o propagador de nossa emancipação econômica. Ele fez mais, segundo a opinião das grandes casas de comércio, para melhorar a situação de nossos compatriotas que estão nos negócios, a partir da guerra e durante a guerra, do que todas as vastas e dispendiosas campanhas públicas, alimentadas pelo Estado.

Para além da retórica publicitária, o excerto da missão do *Devoir* lembra ao leitor quanto o futuro do Canadá francês depende, aos olhos da direção, de uma visão moderna, norteamericana, do Canadá francês, visão intercultural, até mesmo transcultural, em que a identidade nacional não é posta em perigo pela modernização da economia e da sociedade, mas bem ao contrário: ela sobrevive graças às novas iniciativas e ao espírito empreendedor dos canadenses franceses. Os viajantes do *Devoir*, sendo católicos, têm direito às missas habituais, assim como à visita aos lugares simbólicos da Deportação, mas o essencial de seus percursos, que começa em Edmundston e atravessa várias municipalidades importantes para as comunidades acadianas da época, tece o retrato de uma Acádia moderna, industrial mas também cultural, onde a visita às estações, aos diques e aos portos tem tanta importância quanto a visita a Annapolis e ao Grand-Pré. Vejamos, a título de exemplo, como Louis Dupire descreve a chegada da comitiva a Edmundston, no noroeste do Novo Brunswick:

É o seu primeiro contato com a terra acadiana. A comitiva está muito contente. O tempo está maravilhoso; a população, de uma urbanidade prestimosa. A cidade é bem-construída, aparentemente próspera e contorna uma bela colina que domina o rio e as pradarias americanas da outra margem (*Le Devoir*, 28 ago. 1924: 1).

O jornalista insiste, com frequência, sobre a presença dos automóveis nas cidades, automóveis que são, muitas vezes, utilizados para transportar os peregrinos do trem até os locais de encontro previstos. Por exemplo, se a cidade de Moncton é descrita como “uma das regiões mais prósperas, mais empreendedoras da Acádia nova” (*Le Devoir*, 29 ago. 1924: 2), a chegada de dois trens e o transporte dos peregrinos em direção do local de encontro acontece num ambiente um pouco dramático, quando uma pane de eletricidade deixa a cidade no escuro. Porém, o sentido de organização e a hospitalidade dos acadianos superam essas adversidades: eles se servem dos faróis dos automóveis para iluminar o encontro, que se revela um grande sucesso, e é com o coração feliz que os peregrinos voltam ao trem: “Voltamos à estação às 11 horas, com as ruas iluminadas. Moncton nos abriu os tesouros da hospitalidade acadiana e nos convenceu que nos recebiam como irmãos há muito esperados” (*Le Devoir*, 2 set. 1924: 1). Será, portanto, com emoção que, de retorno da Nova Escócia, os viajantes vão restabelecer seus laços com a região de Moncton:

Como para tornar a nossa partida ainda mais cruel, Moncton e as cidades vizinhas nos prepararam uma acolhida como jamais teríamos imaginado. Encontramo-nos em um dos centros acadianos mais ativos, mais vivos. É um esplendoroso centro de vida (*Le Devoir*, 24 set. 1924: 1).

A viagem de Faucher de Saint-Maurice se inscreve na mesma mobilidade; assim, cada vez que ele descreve um lugar novo, realça a sua situação comercial ou militar, com destaque sobre as indústrias locais, sejam de madeira, pesca ou as indústrias de transformação. Se bem que ele se inspire, como seus compatriotas, nos escritos da Nova França, na historiografia da região e nos relatos de viagem ou de ficção daqueles que o precederam, para escrever o seu jornal, ele se baseia, também – sinal de modernidade – no *Guia Osgoode* das províncias marítimas. Feliz casamento da história e da atualidade, que deixa a porta aberta à modernização, assim como à urbanização da paisagem monctoniana e do espaço

acadiano. Eis alguns comentários a respeito da forma como ele descreveu a cidade de Moncton:

Moncton é uma cidade de futuro. A sua população conta 5.032 pessoas. Ali foram construídas as grandes usinas da estrada de ferro Intercolonial. Elas empregam regularmente 600 homens, afora os operários suplementares. Existe uma fábrica de algodão, onde trabalham 250 pessoas. Uma refinaria encontra-se em construção (Faucher de Saint-Maurice, 1888: 70-71).

Pelo contrário, em Arthur Buies, como no abade Casgrain, dois autores completamente opostos no plano ideológico, uma mesma veia romântica leva-os a colocar a paisagem bucólica e idealizada em destaque no texto, em detrimento da cidade em geral e de Moncton em particular. Nas *Chroniques* de Buies, o tecido urbano e a massa demográfica encontram-se muitas vezes fragmentados numa descrição dos lugares que as inscreve numa cena marcada pela selvageria e pelo semblante efêmero do ecumênico, que ele opõe à impressão da permanência e do tecido social fechado que se destaca da paisagem canadense do vale do São Lourenço, como bem testemunha esta descrição da região visitada:

Percorrendo os rios da Baie-des-Chaleurs você encontrará inesperadamente um campanário no meio de espaços vazios, como esses calvários que, em nosso país, se erguem subitamente sobre as estradas solitárias; é a capela protestante ou católica; porém, em torno dela, nenhuma reunião de pessoas que nos remeta, de pronto, a um rebanho reunido sob a égide do pastor. As moradias são disseminadas sobre a estrada principal, algumas vezes próximas umas das outras, bastante juntas; na maioria das vezes esparsas; nenhum lugar tem o seu nome decorrente de um vilarejo ou de um santo ao qual ele é consagrado, e sim de uma configuração de terreno, de um riacho, de uma lembrança fortuita ou mesmo do acaso. Dir-se-ia que o homem chegou a esta terra como uma palha trazida pelo vento, e que, repentinamente, parou e plantou a sua moradia sem ligar nem para o que o rodeava, nem para o seu passado doravante perdido no esquecimento (Buies, 1986: 309).

Desse modo, segundo Arthur Buies, não existem nem “paróquias, nem vilarejos em lugar nenhum; apenas, aqui e alhures, centros de comércio chamados cidades, que não se parecem em nada ao que estamos habituados a designar por esse nome” (1986: 309). A cidade de Dalhousie, por exemplo, é descrita nestes termos: “Dalhousie é uma pequena cidade de aproximadamente 1500 pessoas, possui ruas amplas e moradias esparsas, como em todas as cidades nascentes dos Estados Unidos”. O que toca o viajante é, primeiramente, a americanidade do tecido urbano, e depois, a situação geográfica da cidade: “Ela está situada no ponto onde o rio Restigouche desemboca na Baie-des-Chaleurs, num magnífico panorama que se estende a perder de vista” (1986: 314-315). Este deslizar perceptível da cidade para a natureza nos ajuda a compreender que, um pouco à maneira de Chateaubriand, Arthur Buies busca essencialmente uma natureza cheia de vales e verdejante, uma natureza selvagem mas ao mesmo tempo humanizada, e que é destacada, por contraste, pela descrição que faz de Dalhousie, que “[não possui] nem gás, nem passeio, nem aqueduto, nem nada que possa dar idéia de uma cidade tal qual a conhecemos” (1986: 318). Segundo Buies, mais que cidade, Dalhousie é “um entreposto considerável de madeira e de comércio de peixe” (1986: 318). A decepção do escritor diante do espetáculo que lhe oferece a paisagem enquanto ele desce para Bathurst será ainda maior: “De Dalhousie para Bathurst, nada é muito alegre nem muito bonito. Há dezoito léguas monótonas, cortadas por numerosas savanas e numerosos córregos; nenhum vilarejo, mas uma sequência de casas mais ou menos espaçadas” (1986: 326), lamenta o cronista, que se sente frustrado pelo fato de que “parece que tudo foi calculado nesse país para reproduzir de todas as coisas uma mesma imagem” (1986: 326). Ao contrário, as paisagens que o abade Casgrain descobre ao longo da sua peregrinação, especialmente em Grand-Pré, são grandiosas e, além do mais, saturadas de memória. Desenham-se, mais uma vez, duas visões da Acádia, uma do tipo realista, centrada no presente, outra idealista, centrada no passado.

Se em cada texto, trata-se num grau mais ou menos pronunciado de uma certa peregrinação nos lugares de memória

ou nos lugares do passado acadiano e canadense francês, a própria estrutura dos textos e os motivos de viagem não conduzem necessariamente, como pudemos constatar, a uma releitura passadista e conservadora da história acadiana e da geografia das Marítimas. Mesmo nas *Chroniques* de Arthur Buies, em que o fascínio dos grandes espaços alimenta a dimensão lírica e crítica da obra, não se sente outro apelo senão o de explorar o litoral. Apenas nos escritos do abade Casgrain é que podemos encontrar a tendência iniciada por Chateaubriand em seu *Itinéraire de Paris à Jérusalem*, em 1811, onde a viagem, de uma maneira quase iniciática, permite realizar o desejo de retornar às fontes ou, como menciona Pierre Rajotte, “de ir verificar *in loco* a existência desses vestígios que testemunham sobre a realidade dos seus próprios conhecimentos e sobre o fundamento da sua cultura” (1997: 293). Nessa perspectiva, pode-se falar, a exemplo de Jean Chelini e de Henry Branthomme, de viagem *illud tempus*, ou seja, “de uma caminhada em direção a um lugar sagrado, com o objetivo de contribuir para a eficácia do acontecimento primordial, em que o peregrino encontra o *illud tempus*, o tempo ao longo do qual se desenrolou o acontecimento” (Rajotte, 1997: 302). Na introdução a *Pèlerinage au pays d'Évangéline*, Casgrain explica assim os motivos que o levaram a fazer essa viagem à Acádia:

Não lembro qual autor disse: “Eu não conheço prazer mais triste que o prazer das viagens”. Nada de mais verdadeiro, se o viajante não tem um objetivo preciso. Por isso tive muito cuidado em dar um objetivo para a excursão que ora empreendo. Visitarei o Grand-Pré, o país de Évangéline, e as colônias acadianas que lá florescem hoje felizes e crescentes, como antes da dispersão, sobre as margens do Peticoudiac e do Memramcook. Rezarei sobre o túmulo do abade Sigogne, na Baía Santa Maria, e voltarei fazendo escala nos principais portos acadianos (Casgrain, 1887: 7-8).

Não se trata, para o abade Casgrain, de descobrir um lugar e de se deixar impregnar por sua realidade, mas de ir invocar os espíritos do passado a fim de viver, um pouco como

num romance em que se é o herói, a história da colônia francesa na América, de reencontrar esta velha cepa que continua fiel, acredita ele, aos costumes antigos, enquanto o Canadá francês inelutavelmente se moderniza. É o que assinala Pierre Rajotte em seu estudo:

Se bem que ele pretenda desmistificar a história do *Grand Dérangement*, com base em documentos oficiais, Casgrain concorre por outro lado, a fazer acreditar “cientificamente” numa visão mítica imortalizada, sobretudo, por Longfellow (1997: 303).

Casgrain escreveu aliás que “Longfellow apenas é o intérprete da pura verdade” (1887: 141). É o que podemos chamar de o paradoxo de Orfeu: como pode um homem, animado pelo mais ardente desejo, trazer a sua esposa Eurídice dos infernos, como pode ele fazê-lo sem a olhar; como conciliar a necessidade de retornar ao passado e de guardá-lo vivo sem se deixar, contudo, subjugar pelo objeto desejado; finalmente, como, afinal, para os canadenses franceses dessa época, não se deixar desviar de uma visão de futuro cuja resolução implicará uma difícil conciliação entre passado e modernização? São as questões colocadas pelos textos cuja análise esboçamos.

Referências

- BUIES, Arthur. *Chroniques I*. Edition critique par Francis Parmentier. Montréal: Presses de l'Université de Montréal, 1986. Coll. «Bibliothèque du Nouveau Monde».
- CASGRAIN, Henri-Raymond. *Un pèlerinage au pays d'Évangéline*. Québec: Imprimerie de L. J. Demers & Frère, 1887.
- FAUCHER de Saint-Maurice. *En route. Sept jours dans les provinces maritimes*. Québec: Imprimerie Générale A. Côté et Cie., 1888.
- HICKEY, Daniel (Dir). *Moncton 1871-1929. Changements socio-économiques dans une ville ferroviaire*. Moncton: Éditions d'Acadie, 1990.
- MELANÇON, Joseph. Une mémoire totalisante: usages et fonctions du passé en littérature québécoise. In: MATHIEU, Jacques (Dir.). *La*

mémoire dans la culture. Sainte-Foy: Presses de l'Université Laval, 1995. p. 79-93.

RAJOTTE, Pierre. Les pèlerinages de Henri-Raymond Casgrain: de la référentialité à l'intertextualité. *Voix et images*, v. 22, n. 2 (65), p. 289-306, 1997.

